

## **Espaço, território, lugar nenhum? Possibilidades comunicativas do fotojornalismo *on-line*<sup>1</sup>**

Ana Taís Martins Portanova BARROS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

**Resumo:** Este trabalho verifica no fotojornalismo de capa dos jornais *on line* mais acessados de cada continente a ocorrência ou não da manifestação de um imaginário especial ou territorial. Para atingir este objetivo, recorre-se aos descritores dos níveis de codificação da imagem visual arrolados por ECO (1976), capazes de nos fornecer a fenotipia desse possível imaginário, e à leitura simbólica das imagens na tradição da Escola de Grenoble para a verificação de sua possível arquetipia. Busca-se junto a Joël Thomas a noção de imaginário, a Gilbert Durand as noções de imagem simbólica e de regimes do imaginário e a Gaston Bachelard as considerações sobre o imaginário do espaço.

**Palavras-chave:** imaginário; fotojornalismo; espaço; território.

### **1. Introdução**

Buscaremos neste artigo verificar a manifestação no fotojornalismo *on line* de um certo imaginário que traduz o sentimento específico de identidade, aquele ligado ao território num nível fenomenológico, ao espaço no nível arquetipológico. Nosso *corpus* empírico é constituído pelas fotografias em destaque na capa dos jornais *on line* mais acessados de cada continente segundo o *ranking* 2013 realizado pela empresa Media & Newspapers.<sup>3</sup> Optamos por escolher os jornais mais populares de cada continente a fim de se observar o comportamento do imaginário do espaço e do território tanto no Oriente quanto no Ocidente. Tomaremos aqui o modelo de seis continentes tradicionais (considerando-se América do Norte e América do Sul como continentes diferentes).<sup>4</sup> As fotografias analisadas foram destaque das capas dos jornais estudados numa mesma data, 27 de dezembro de 2013. Nos casos em que a capa trazia um *slideshow* alternando várias fotografias, capturamos aleatoriamente aquela que se nos apresentou no momento em que abrimos a página do jornal.

Compreendendo, com Thomas (1998), o imaginário como um sistema dinâmico de imagens simbólicas, levamos em conta não só a fotografia, mas também o título que se lhe

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente

<sup>2</sup> Professora do PPGCOM/UFRGS, Pós-doutora em Filosofia da Imagem pela Université de Lyon 3, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. E-mail: anataismartins@hotmail.com

<sup>3</sup> O ranking de popularidade da Media & Newspapers é, segundo o site da empresa, baseado em um algoritmo, incluindo três métricas independentes extraídas a partir de três diferentes motores de busca: Google Page Rank, Alexa Traffic Rank e Majestic Seo Referindo Domínios. Informação extraída de <http://www.4imn.com>, consultado em 23 de maio de 2013.

<sup>4</sup> Não analisaremos a Antártida por não ser permanentemente habitada, não tendo mesmo habitantes nativos e não pertencendo a nenhum país.

refere e sua relação com eventuais outras fotografias que apareçam no mesmo campo de visão. Esta preocupação é metodológica e heurística, pois uma imagem isolada nunca é simbólica pelo simples motivo de não poder se lhe dirigir uma hermenêutica, já que o caráter simbólico se revela quando entra em homologia com outras imagens simbólicas, como estabelecido por Durand (1997). Uma imagem isolada no máximo poderá ser lida no nível fenomênico, como uma possibilidade de símbolo degradado, já que destituído da pregnância que pode ser conferida pela constelação de imagens.

Ao dizermos fenomenológico e arquetipológico, aqui, estamos nos referindo aos diferentes níveis de manifestação do imaginário. Verificou-se, com Durand (1997) que, de pregnantas no nível arquetipológico, as imagens passam por processos de restrição simbólica, indo dos arquétipos epítetos aos substantivos e chegando aos sintemas, que seriam como sintomas sociológicos do símbolo, visíveis a olho nu, mas bem menos férteis, embora muito mais numerosos. Enquanto os arquétipos habitariam o subsolo do imaginário, constituindo mesmo suas raízes, os sintemas se encontram num nível fenomênico, constituindo sua arborescência mais superficial, conforme a metáfora da árvore de imagens apresentada por Wunenburger (2002).

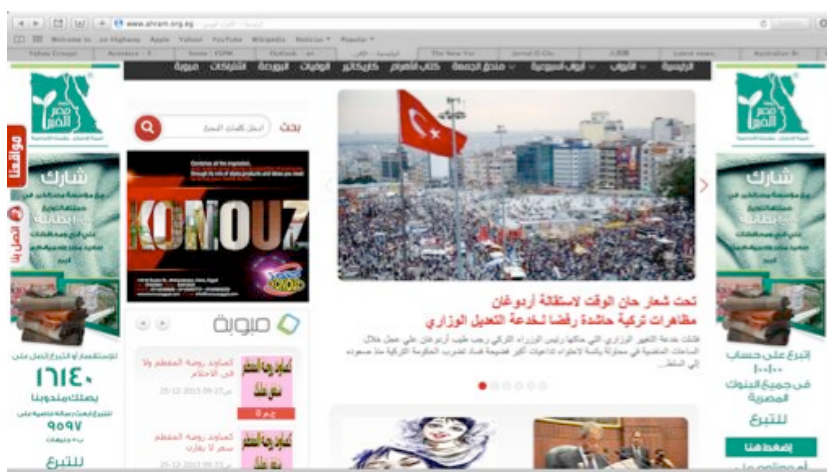
A metodologia de análise contará com duas aproximações hermenêuticas. A primeira buscará a fenotipia do imaginário da identidade nas marcas territoriais, considerando, quando pertinente, os níveis de codificação da mensagem visual arrolados por Eco (1976, p. 162 e seguintes), a saber: icônico (qualidade colocada em relevo pela imagem), iconográfico (significado convencionado para aquela imagem), tropológico (figuras de linguagem traduzidas visualmente), tópico (bloco de opiniões pré-adquiridas e evocadas pelos iconogramas) e entimemático (argumentação ancorada no discurso verbal ou na interação do registro verbal com o visual). Estes níveis de codificação não serão explorados um a um em todas as fotografias, mas apenas quando nos parecerem esclarecedores quanto ao objetivo de se compreender a percepção do território favorecida pela imagem em questão. Mesmo assim, esta decupagem, não nos colocará, ainda, em contato com a imagem simbólica em toda sua propriedade; será necessária uma investigação capaz de reconduzir esta fenotipia a uma arquetipia. Para tanto, lançaremos mão da poética do espaço de Bachelard (1993) e da isotopia das imagens de Durand (1997). Isso significa que consideraremos o espaço enquanto reversível entre microcosmos e macrocosmos, um habitat humano também em sua dimensão transcendental, com não separação entre o imanente e o transcendente.

Utilizaremos apenas a título de informação as descrições dos continentes apresentadas pela Wikipédia por ser esta enciclopédia escrita por colaboradores voluntários, potencialmente não-especialistas, o que acentua a probabilidade de essas descrições corresponderem a uma espécie de senso comum sobre o tema, cristalizando os sintomas sociológicos das imagens simbólicas envolvidas.

## 2. África olha Ásia

O jornal *on line* mais acessado da África é o *Al-Ahram*, sediado no Egito (<http://www.ahram.org.eg>). A capa apresenta as fotografias das principais notícias do dia em um *slideshow*. Ao abrirmos a página, a fotografia que se apresentou foi a de uma manifestação na Turquia pela renúncia do primeiro-ministro Recep Tayyip Erdogan, cujo governo foi acusado de corrupção.

Não se trata, portanto, de uma notícia sobre a África, já que a Turquia é um país euro-asiático. A Wikipédia informa que o continente africano possui os povos mais pobres do mundo e nenhum de seus países é realmente desenvolvido. Fica em terceiro lugar em extensão e em em segundo lugar em população, população esta muito diversa etnicamente, cultural, social e politicamente. Este continente pode ter sido o berço da humanidade. O racismo institucionalizado marcou e a fome marca sua história. Sua geografia contrasta os desertos do interior com as florestas equatoriais das bordas. As divisões políticas da África foram estabelecidas artificialmente pelos países europeus que a exploraram, separando, segundo seus interesses e desconsiderando os dos colonizados, grupos humanos que pertenciam às mesmas tribos e que falavam os mesmos dialetos e que, ademais, foram



submetidos às influências culturais européias. Após a independência, esta situação redundou em lutas separatistas, golpes de estado e ditaduras.

No entanto, não é do território africano que a fotografia publicada pelo *Al-Ahram*

fala, e sim da Ásia. No nível icônico, temos uma praça tomada por pessoas. Distingue-se em primeiro plano a bandeira da Turquia com seu fundo vermelho e as figuras da lua crescente e da estrela em branco. O iconograma "manifestação pública" leva ao *topos* "história nacional que se faz com luta e protesto". Há outras bandeiras vermelhas espalhadas pelo espaço de representação da fotografia, redundando com aquela que está em primeiro plano. O letreiro em vermelho logo abaixo da fotografia fala da exigência que o povo faz de renúncia do primeiro-ministro Erdogan, sublinhando o que já havia sido apresentado pelo iconograma. Há uma demarcação política de território - a bandeira turca é bastante enfática a este respeito.

Se passarmos à poética deste espaço, a imensa praça fotografada de cima para baixo não fala da nossa pequenez diante do infinito e sim de um fervilhar cujo caos é equilibrado pelo desejo uníssono explicado pelo título da imagem. Se a casa protege o sonhador (BACHELARD, 1993, p. 26), e se há reversibilidade do microcosmo com o macrocosmo, a praça figura a casa de todo um povo que sonha a própria sociedade. Vemos que mesmo no nível fenotípico, e escancaradamente no nível arquetípico, a praça assume aqui a geografia do centro, uma estrutura arquetípica que impulsiona os cruzamentos e as tomadas de rumo.

### **3. América do Norte olha para a Ásia**

O mesmo nível arquetípico se manifesta e, pela intromissão de certa informação do nível entimemático, se inibe na fotografia publicada na capa do dia 27 de dezembro de 2013 do jornal mais popular da América do Norte, o *The New York Times*, sediado nos Estados Unidos (<http://www.nytimes.com>).!É este país que carrega no seu gentílico o nome do continente inteiro. Embora a rigor um americano seja o habitante das Américas, na prática somente os estadunidenses são conhecidos assim. O Novo Mundo, no entanto, vai além dos Estados Unidos, dividindo-se internamente entre América do Norte (México, Canadá e Estados Unidos) e América do Sul. Uma América se liga à outra pelo istmo do Panamá. Ainda que jovem, o continente americano abriga três das maiores economias do mundo: Estados Unidos, Canadá e Brasil.

A América do Norte é um subcontinente com apenas três países. México, Canadá e Estados Unidos compartilham as terras sobre as quais se distribuem cadeias de montanhas jovens, muitas com vulcões ainda em atividade - daí a ocorrência frequente de terremotos -, planaltos e montanhas mais antigas e planícies na porção central do subcontinente, com grandes rios e lagos. Mas não é desse espaço nem desse território que fala o destaque da

foto de capa do *The New York Times* no dia 27, e sim da Ásia. A notícia foi o atentado em Beirute com a explosão de um carro-bomba, ocorrido na manhã desse mesmo dia e que matou seis pessoas, entre as quais o ministro de Finanças Mohammed Shattah, deixando ainda dezenas de feridos.



A fotografia está bem centralizada na página, abaixo do logotipo do jornal. Ela mostra um homem carregando uma mulher ferida em primeiro plano com fumaça ao fundo. Estão visíveis também algumas chamas. Há outras pessoas feridas na cena. Iconicamente, é a dor que salta aos olhos, desenhada no semblante dos retratados e na na posição encurvada em que seus corpos foram paralisados no momento do clique. Mas o homem carregando a mulher ferida parece avançar na direção de quem olha a fotografia, como que pedindo passagem. Há um transbordamento do espaço de representação (da foto) sobre o espaço topológico (do espectador) com potencialidade para que o plano da representação se desloque do longínquo e ameace o próximo.<sup>5</sup> E é assim que o iconograma "dor" vem compor um *topos* eloquente, que diz: "isso poderia acontecer com você".

Isso catapulta o que seria uma simples figura para o nível da imagem simbólica porque convoca para a hermenêutica um sentido vivido ao mexer com a intimidade de quem vê, unindo-o à cena de modo humanamente cúmplice. Não se está mais aqui no território fenotípico das possibilidades claramente limitadas e sim no espaço arquetípico da

<sup>5</sup> Dubois (1993) arrola quatro tipos de espaços na fotografia: o espaço referencial, no qual se efetua um corte para se produzir determinada fotografia; o espaço representado, que compreende a porção capturada pelo clique; o espaço de representação, dado pelos bordos da fotografia propriamente dita e dentro do qual se organizam as figuras capturadas, e o espaço topológico, que é onde se insere o espectador da fotografia, em geral num eixo ortogonal, com a expectativa de uma coerência entre esta ortogonalidade do corpo humano e a do espaço de representação.

cumplicidade humana. A legenda da fotografia relata o que o ícone já disse: "Homem libanês carrega mulher ferida após explosão".

No entanto, ao precisar a nacionalidade do personagem da fotografia, a legenda distancia no nível entimemático aquilo que o iconograma poderia ter aproximado e, assim, a tragédia é circunscrita a um território longínquo. A imagem simbólica arquetípica do espaço como lugar de cumplicidade humana acaba apaziguada - e, talvez, esterilizada - pela imagem simbólica estereotipada do território do bárbaro, longe de nós, não o nosso.

#### **4. América do Sul olha para a si mesma**

De uma complexa simbolização em que um espaço compartilhado humanamente se distancia e se degrada em território barbarizado, passamos a uma imagem que, de tão pouco pregnante, não fala de lugar algum. Trata-se da fotografia publicada no dia 27 de dezembro de 2013 na capa do jornal mais popular da América do Sul, *O Globo*, (<http://oglobo.globo.com>) sediado no Brasil.

A América do Sul também é um subcontinente, junto com a América do Norte, compreendendo a porção meridional da América. A par das altas montanhas da cordilheira dos Andes, a oeste, a América do Sul tem planaltos suaves no leste e planícies grandes no sul. O nordeste é ocupado pela bacia Amazônica, imensa e plana. Esta paisagem rica, biodiversa, não é retratada no jornal, e sim a paisagem urbana e anônima.

A capa de *O Globo* apresenta muitos ícones, com as fotos dos colonistas ocupando toda a última coluna à direita. A notícia que foi ilustrada com a foto maior é sobre os engarrafamentos nas autoestradas que saem da cidade do Rio de Janeiro.





Trata-se de uma fotografia sem nenhum atrativo especial em sua composição, mostrando as pistas das duas mãos de trânsito, sendo que a da esquerda se encontra completamente tomada por veículos e a da direita está mais desafogada. Percebe-se que se trata de uma autoestrada por causa das numerosas pistas de rolagem de ambos os lados e por causa da separação das duas mãos por uma mureta de concreto. A presença de numerosos postes de iluminação e de treliças metálicas colocadas acima da estrada para segurar as placas de sinalização indicam que se está em zona urbana. O iconograma ao qual leva o ícone é "trânsito intenso". A legenda da fotografia fala de um esquema especial de trânsito que teria sido montado nas proximidades da estação rodoviária da cidade. No nível entimemático é, assim, possível se avançar para a circunscrição mais exata do território em que ocorre a cena. A paisagem é árida, feita toda de concreto e ocupada apenas por veículos - seus motoristas e tripulantes não são visíveis na foto. Um *topos* marcadamente urbano se configura: trânsito intenso nas rodovias próximas às metrópoles. Não há *tropos* digno de nota, os sentidos figurados estão ausentes. O território aqui é urbano, seco, desprovido de graça, retratado de um ponto de vista sobejamente conhecido dos prováveis leitores.

Permanece-se num espaço doméstico embora, pela extrema generalização icônica - não haja elementos contextuais que indiquem um tempo ou uma localização mais precisas -

esta representação possa ser tomada como a de qualquer outra metrópole mundial. O espaço arquetipal não se evoca. A composição é incapaz de suscitar a cumplicidade humana e atrairá talvez menos do que um olhar de tédio sobre si. Sua pobreza simbólica contrasta com a pregnância da fotografia seguinte, publicada pelo jornal mais popular da Ásia, o *The People's Daily*, sediado na China (<http://www.people.com.cn>).

### **5. Ásia olha para si mesma**

A Ásia é o maior dos continentes, tem as montanhas mais altas e os rios mais extensos. Suas florestas são as mais densas e seus desertos os mais extensos, seus idiomas os mais diversificados. É uma terra de superlativos, que declinou ao longo do século XVI enquanto a Europa florescia. O continente é marcado por guerras praticamente ininterruptas entre grupos políticos opostos.

A foto em destaque no *The People's Daily* no dia da coleta dos dados mostra uma ilha no meio do mar encimada por uma nuvem de fumaça branca que sai de seu centro e tendo outra ilha próxima de si. A legenda informa se tratar de uma erupção vulcânica na costa do Japão que formou uma ilha a qual poderá se unir à ilha próxima, formando uma só. Esta legenda é fundamental para a organização do entimema "ilhas do Pacífico são vulcânicas". Estas informações são suficientes para decodificar um território que emerge fenomenicamente da imagem, mas temos aqui um grau a mais de simbolização que avança decididamente sobre o espaço arquetipal. O oceano, com sua imensidão maternalmente aquosa, entra em tensão com o fogo, um fogo que pode mesmo ser violento, que se alça acima das águas. A *coincidentia oppositorum* destes dois elementos é capaz de ativar o nível arquetipológico da imagem simbólica.

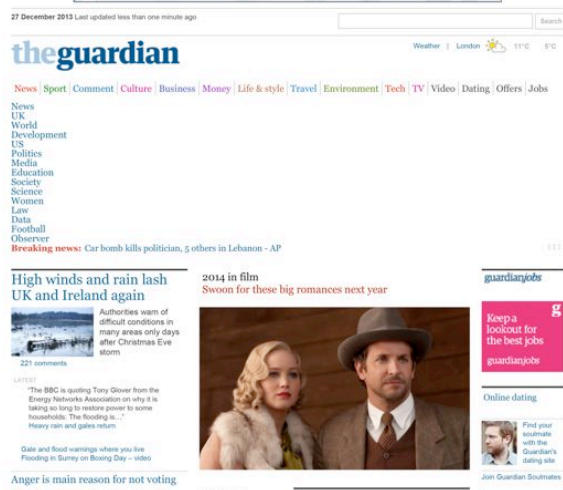




À água e ao fogo, matérias do mundo que nos resistem aqui, junta-se a imensidão do espaço, e esse sentimento de imensidão, natural diante do mar, é acentuado pela perspectiva em *plongé* adotada pela fotografia aérea. Ainda que a legenda delimite o território, não é ele que prevalece, e a imagem simbólica de um espaço cósmico se impõe.

## 6. Europa olha para a América do Norte

Enquanto na fotografia do jornal asiático há a ativação do nível arquetipal da imagem em função de seu espaço referencial, no mais popular jornal europeu este mesmo nível arquetipal se dilui em função da desvalorização gráfica da fotografia, colocada em concorrência assimétrica com outra:



A Europa é o segundo menor continente em extensão, mas sua população é a terceira maior. Se em 1900 a Europa abrigava um quarto da população mundial, hoje abriga apenas 11%. A Europa é o berço da cultura ocidental e do século XVI ao XX controlou grande parte do mundo, cultural e politicamente. Foi neste continente que se desenrolaram os atos principais das duas guerras mundiais, as quais trouxeram também o declínio de seu domínio, cedendo espaço para o protagonismo da União Soviética e dos Estados Unidos. No século XIX, milhões pobres deixaram a Europa rumando para os demais continentes, principalmente América do Norte e Oceania. Por outro lado, da metade do século XX para nossos dias, a Europa tem recebido milhares de imigrantes vindos de países mais pobres, a ponto de representarem 85% do crescimento de sua população em 2005 (WIKIPEDIA).

Esta complexidade de povos e territórios não se estampa no fotojornalismo da versão *online* do *The Guardian* (<http://www.guardian.co.uk>) do dia 27 de dezembro de 2013. Salta aos olhos foto grande, colorida e nítida de um belo casal jovem vestido e penteado de acordo com os costumes do início do século passado. Os atores Jennifer Lawrence e Bradley Cooper olham para um ponto situado fora do espaço de representação. O letreiro acima da foto indica que se trata de um filme a ser lançado no próximo ano, informação que sublinha o que a leitura iconográfica já havia indicado. A foto diz "casais do cinema são belos". O território aqui precisa ser encontrado através do sistema de referências fornecido pelas roupas e pelos biotipos do casal: brancos, loiros, olhos claros. Europa ou América do Norte. O filme é norte-americano, mas isso não é informado. Não há abertura em que se possa imiscuir um espaço arquetipal até pela ausência de contradições - como bem diz Bachelard (1993, p. 67), é o apelo dos contrários que dinamiza os arquétipos.

À esquerda na mesma página, numa localização sobre a qual nosso olhar não recai a não ser num segundo momento, uma diminuta fotografia mostra uma paisagem em que

predominam os tons branco e azul acinzentado, puxando para metálico. Somente num segundo ou terceiro olhar é que se distinguem os elementos referenciais: água de enchente, melhor identificável por causa da cerca cheia de vegetação presa que deve ter sido retida ali quando a água estava ainda mais alta. O título sobre a foto diz: "Ventos fortes e chuva castigam Reino Unido e Irlanda novamente". O pequeno texto ao lado da foto diz: "Autoridades alertam para as condições difíceis em muitas áreas apenas alguns dias após a tempestade da véspera de Natal". Não só pela circunscrição das condições climáticas severas ao Reino Unido e à Irlanda, mas também pela proporção da fotografia em relação à outra da mesma página, este território se distancia consideravelmente do espaço arquetipal porque desconvida o envolvimento. Uma imagem que não é vivida não poderá ser simbólica e não sendo simbólica não mobilizará a ação que está na base de todo imaginário pregnante.

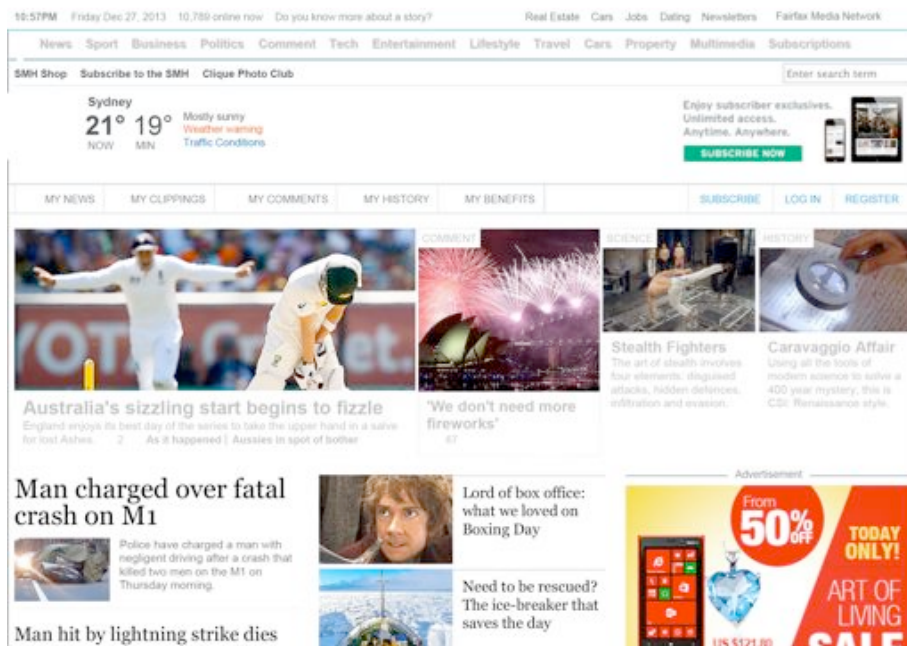
## **7. Oceania olha para si mesma**

Finalmente, a Oceania, o Novíssimo Mundo, seria o menor continente em área e em população, perdendo apenas para a Antártida. A Wikipedia brasileira grafa a palavra continente entre aspas ao se referir à Oceania por causa das diversas ilhas do Pacífico que, junto com a Austrália, constituem-no. A maior parte das ilhas é de origem vulcânica. A Austrália tem montanhas modestas e terras baixas, a Nova Zelândia é formada por planícies extensas e nas ilhas o solo é arenoso, com pouquíssima vegetação, mas em algumas delas encontra-se uma floresta equatorial densa. Todas as ilhas da Oceania são majoritariamente ocupadas por indígenas, à exceção das duas maiores, Austrália e Nova Zelândia, habitadas predominantemente por descendentes de europeus britânicos que lá chegaram no século XVIII, lutaram contra os nativos e venceram-nos, reduzindo suas populações a menos de 10% do tamanho original.

O jornal mais popular da Oceania é o *The Sidney Morning Herald*, sediado na Austrália (<http://www.smh.com.au>). Sua capa costuma trazer quatro fotos distribuídas no alto do que pode ser considerado as três colunas de seu espaço de diagramação. A primeira foto da esquerda para a direita, sempre sobre esportes, é a maior, ocupando quase duas das três colunas. As outras se dividem no espaço restante. Esta configuração é análoga todos os dias e por isso não foi considerada destaque. A notícia que pode ser considerada manchete de capa traz uma foto menor do que todas as outras.

Na edição do dia 27 de dezembro de 2013, a principal manchete diz: "Homem

acusado por acidente fatal na M1". A foto mostra o que se deduz ser um carro acidentado coberto por uma lona. A luz do farol aceso de um outro veículo, estacionado atrás deste carro, se destaca ao fundo. Em primeiro plano, uma porção do asfalto com a linha branca da marcação da pista. No último plano, o rochedo escavado para se abrir a autoestrada, mas praticamente indistinguível por causa da pequena dimensão da foto. A foto diz "acidente" e o pequeno texto ao lado, chamando para a



reportagem completa, acrescenta: "A polícia acusou um homem com condução negligente após um acidente fatal que matou dois homens na M1 na quinta-feira de manhã". O território é ao mesmo tempo demarcado de modo preciso e impreciso - a M1. Esta indicação é tão pobre em imagens que se torna simbolicamente ineficaz, ou seja, não contém nenhum elemento capaz de, espontaneamente, provocar a imagem vivida, a não ser, é claro, que o espectador tenha uma memória emocional particular que possa ser ativada pelo ícone da foto. É um território burocrático demais para ser o território de alguém. Poderia se tratar de qualquer lugar e por isso mesmo se trata de lugar nenhum, numa dessimbolização característica da pós-imagem por nós abordada em outro lugar (BARROS, 2013). Nem a fotografia nem o texto que a acompanha chegam mesmo a configurar um território, muito menos a fazê-lo saltar para o espaço.

## 8. Considerações finais

Diz-se que estamos na era das imagens, opinião corroborada pela multiplicação

exponencial de fotografias e vídeos disponíveis na contemporaneidade, facilitada pelas tecnologias de comunicação. No entanto, e provavelmente por isso mesmo, parece a cada dia mais difícil se encontrar uma imagem com eficácia simbólica, ou seja, capaz de mobilizar não só os conteúdos fenomênicos, ligados às coerções culturais e históricas de um tempo e de um espaço dados, mas também os conteúdos arquetípicos, que projetam o homem no tempo mítico sagrado.

No caso do fotojornalismo, observa-se que os veículos *on line*, diferente dos impressos, não usam uma grande foto na capa, e sim várias pequenas fotos, como se a atenção do leitor devesse ser disputada pelo maior número possível de chamariscos para que se consiga obter sucesso com pelo menos um deles. Em contrapartida, o fotojornalismo profundo, que alia técnica com estética, é empurrado para seções especializadas, procuradas talvez somente pelos que também são especialistas. Isso parece apontar para uma relativa desvalorização da fotografia pelo jornalismo *on line*, ao contrário do que fazem supor a promoção de cada usuário de celular dotado de câmera a repórter fotográfico e a consequente inflação da concorrência entre os fotojornalistas profissionais.

Retornando à questão de pesquisa deste artigo, verificamos que a manifestação de um imaginário territorial não é necessariamente portada pelo suposto dono do território. Assim, a imprensa da África e da América do Norte voltou sua atenção a notícias da Ásia. A Europa falou da América do Norte. Ásia, Oceania e América do Sul falaram de si mesmas, mas com profundas diferenças na abordagem. Enquanto a imprensa asiática deixa aflorar na fotografia em destaque um imaginário até certo ponto pregnante, a imprensa sul-americana e da Oceania não ultrapassaram o nível do código puro e simples, da informação desencarnada e, por isso mesmo, com pouco sentido. Nestes dois casos, nem espaço nem território compareceram na fotografia. A imprensa europeia, por sua vez, colocou o destaque principal sobre a América do Norte, embora dividido com uma questão local. Claramente, a questão de seu próprio território, que enfrentava problemas climáticos, não valia uma imagem em destaque, o que se averigua com o diminuto tamanho da foto que se desincumbia da tarefa de dar a desagradável e monótona notícia local. E a África não foi olhada de modo algum, nem por si mesma.

Não nos parece possível falar, a partir destas fotos, de uma homogeneização cultural. A maior parte desta imprensa tida como a mais popular de seus continentes volta sua atenção para assuntos de outros continentes que lhe interessam política ou culturalmente, exceção feita à América do Sul e à Oceania que, coincidência ou não, são



respectivamente o *novo* e o *novíssimo* mundo. No entanto, não se pode dizer que esta atenção voltada para fora seja sintoma de homogeneização global. Mas esta amostragem pequena e aleatória dá pistas sim, de uma agenda mundial focada na Ásia e silenciosa sobre a África. Este silêncio mais preocupante ainda porque a própria África silencia a si mesma.

As diferenças entre as várias partes do mundo parecem, sim, pasteurizadas, mas não por iniciativa das culturas locais preocupadas em construir uma identidade própria, que supere localismos e que fale de uma unidade nacional ou mesmo continental, e sim por efeito de dispositivos jornalísticos como o critério de noticiabilidade e o valor-notícia. É talvez preocupante - mas não surpreendente - que o jornalismo tenha atingido tal grau de indiferenciação no Oriente e no Ocidente e que essa indiferenciação permaneça e talvez mesmo se aprofunde na mídia *on line*. Se ao nível arquetipológico do imaginário é esperada uma certa universalidade que funciona como uma matriz dinâmica da função fantástica, o contrário deveria ocorrer no nível fenomenológico, no qual a encarnação de símbolos em diferentes culturas, histórias, contextos resultaria numa profusão de imagens que teriam na sua diferenciação fenotípica a compensação da seu esvaziamento simbólico causado pela sua baixa plurivocidade.

A fotografia tem a peculiaridade de, possuindo apenas duas dimensões, representar a terceira por meio da ilusão de perspectiva. A coerção técnica da fotografia é alta o bastante para explicar a repetição de suas representações. Adicione-se a isso à premissa de Sontag (2004) de que fotografia é tema. A teoria literária e a mitologia já nos preveniram de que existem bem poucos temas para serem narrados, e o jeito de narrar é que vai se multiplicar. Ora, isso coloca a fotografia num beco-sem-saída, pois se a única salvação para a criatividade na fotografia é o jeito de fazê-la, mas o jeito de fazê-la é limitado por sua coerção técnica - tudo já está programado dentro da caixa-preta, avisa Flusser (2002) - , onde residirá, então, a força de resistência da fotografia?

No interesse humano, claro. Continuaremos a nos interessar pela fotografia enquanto ela nos servir de espelho reflexivo ou projetivo. E o espelho mais interessante não é aquele que mostra o que já sabemos de nós ou o que desejamos mostrar, e sim o que mostra aquilo que em nós parece oculto ou aquilo em que podemos nos transformar. Por isso, pode-se vaticinar a baixa expectativa de vida dos *selfies*; a exploração do auto-retrato, tornado tão banal pela tecnologia que instalou uma câmera no aparelho de telefone celular voltada para o próprio usuário, há de chegar logo à saturação porque as melhores imagens de nós não estão em nós mesmos e sim no outro. Isso parece ser verdade mesmo numa



dimensão macro; sim, há motivos para a imprensa de um lugar noticiar o que ocorre no outro: o desenrolar de um fato alhures pode afetar os interesses locais. No entanto, concorrendo ou sublinhando esta injunção política está o interesse pelo outro, ainda que eivado de curiosidade por si mesmo.

A aproximação mágica através da fotografia até pode ser dada codificadamente por um *tropos* qualquer, como quer Eco. Mas o que realmente faz uma fotografia falar a um homem é sua capacidade de fazê-lo perceber que seu pequeno mundo é na verdade o grande mundo; que o que fala do macrocosmo também fala de si. É esta oportunidade comunicativa o fotojornalismo parece estar perdendo em nome da ânsia em multiplicar estímulos com a esperança de que algum encontre ressonância.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, A. T. M. P. Símbolos do inferno: imagens de lugar nenhum e de algum lugar. **Discursos Fotográficos**. Londrina, v. 9, n. 14, p. 99-122, jan-jun 2013.

Disponível em

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/13255/12412>

Acessado em 29 dez 2013. DOI 10.5433/1984-7939.2013v9n14p99 DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 1993.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1976. FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002. SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THOMAS, Jöel. In: **Introduction aux méthologies de l'imaginaire**. Org.: Jöel Thomas. Paris: Ellipses, 1998.

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org> . Consultado em 17 de dezembro de 2013.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **La vie des images**. Grenoble: PUG, 2002.